

Fritsch leva "boas notícias" ao Fundo

por Paulo Totti
de Washington

Na carta que escreveram ao seu governo pedindo que os Estados Unidos não comprometam a generalidade das boas relações entre os dois países por causa do detalhe das divergências sobre a lei de patentes, os empresários americanos membros do Brazil-US Business Council lamentavam que os "movimentos positivos" do Brasil não sejam notícia em Washington. O secretário de política econômica do Ministério da Fazenda, Winston Fritsch, está desde domingo à tarde em Washington tentando transmitir o que, no seu entender, constitui algumas dessas boas notícias. O objetivo principal é convencer o Fundo Monetário Internacional (FMI) de que essas notícias são verdadeiras e candidatar-se, assim, ao aval da entidade ao ingresso do Brasil no chamado Plano Brady de renegociação da dívida externa. As conversações são importantes porque o esquema de renegociação com os bancos credores só poderá entrar em vigor a 30 de novembro próximo se a atual política econômica do Brasil obtiver o sinal verde do FMI. A atual missão não pretende fechar acordos, segundo explicou Fritsch em rápida entrevista a jornalistas brasileiros. "O objetivo é mostrar o que já se fez e se está fazendo e, assim, aumentar nosso grau de confiabilidade internacional", admitiu Fritsch. O acordo com o FMI, repre-

sentado pela ressurreição do empréstimo standby de US\$ 2,1 bilhão, firmado em janeiro de 1992 e cuja execução foi suspensa após a liberação de sua primeira parcela (1/7 do total) por falta de cumprimento das metas de ajuste fiscal, só vai ocorrer se as negociações de Fritsch tiverem êxito e uma missão do organismo internacional visitar o Brasil com o fim específico de discutir números e outros pormenores.

AJUSTE

A frente de uma comissão de que fazem parte o economista Edmar Bacha, consultor especial do ministro Fernando Henrique Cardoso, e o embaixador José Arthur Denot de Medeiros, secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Fritsch começou ainda na tarde de domingo a mostrar que, desde o lançamento do Plano de Ação Imediata do ministro Fernando Henrique, o Brasil executa uma política de rigoroso ajuste fiscal, através do aumento da arrecadação e do combate à evasão de impostos, do controle de tarifas, salários, investimentos e atividades dos fundos de pensões das empresas estatais, além de absoluta ingerência federal para evitar o endividamento artificial dos estados e municípios e regular a atuação dos bancos estaduais.

Os primeiros contatos foram com a equipe de técnicos do FMI, tão logo Fritsch chegou e só teve

tempo para deixar a mala no Concord Hotel, um pequeno "flat" do aprazível bairro de Georgetown, tão modesto que nem consta das páginas amarelas do catálogo telefônico de Washington. Ontem, pela manhã, Fritsch visitou o subsecretário para Assuntos Internacionais dos Estados Unidos, Lawrence Summers, e hoje à tarde se avistará com o gerente-geral do FMI, Michel Camdessus. Amanhã estará com autoridades do Banco Mundial (BIRD) e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

DISCIPLINA

"Até agora os contatos têm sido excelentes", disse Fritsch à saída de um almoço com toda sua comitiva — integrada também pelo diretor de Política Monetária do Banco Central, Francisco Amadeu Pires Félix, pelo assessor do Ministério da Fazenda, Carlos Eduardo de Freitas, pelo consultor especial do De-

partamento Econômico do Banco Central, Pedro Alvim Junior e pelo coordenador-geral de Política Fiscal do Ministério da Fazenda, José Carlos Jacob de Carvalho. Segundo Fritsch, seus interlocutores compreenderam a ênfase que o governo brasileiro vem dando à política de ajuste fiscal e concordam em que, ao contrário do ocorrido com anteriores e frustrados planos de estabilidade econômica, a força do atual programa consiste na ênfase à disciplina das contas públicas. O restante, inclusive o combate à inflação, virá como consequência, disse o secretário de Política Econômica de Fernando Henrique. A inflação, aliás, poderá até sofrer algumas pressões de alta, a curto prazo, devido ao reajuste de algumas tarifas. "Mas, depois de outubro, com a casa mais em ordem, a tendência da inflação será de baixa", concluiu.